

Luiza Baldan / A uma casa de distância da minha

Muitas das fotografias de Luiza Baldan deixam de lado a presença humana. Desde o início de sua trajetória é possível detectar tal ausência. Mas não é disso que se trata agora. Ou melhor, tal ausência somente chama atenção para pronunciar a ausência de uma presença.

Anteriormente Baldan havia feito uma residência de um mês em um *ecobairro* chamado “Península”, na Barra da Tijuca (bairro do Rio de Janeiro); se parte destas obras eram frutos de uma experiência em um local no qual as pessoas buscavam um suposto isolamento do mundo em favor de uma ilusória segurança, Luiza nos entregava o vazio e a solidão que permeiam o fundo dessa experiência sintomática da época em que vivemos em sua face crepuscular; aquela da perda dos vínculos, da capacidade de “viver junto”.

A artificialidade que emanava daquelas fotos persiste nestas hoje apresentadas. Tal repetição mostra que, a despeito do lugar onde esteja, existe um universo de questões investigado pela artista, qual seja, o da solidão, o da dificuldade de criar vínculos, aquele que mostra a resistência dos lugares enquanto espaços fecundos para o encontro. Feitas em Portugal, em um lugar chamado “Península de Tróia”, tal série de fotos sublinha a promessa, sempre falha, de reproduzir uma cidade ideal dentro de uma cidade. Seja na Barra da Tijuca ou num balneário desértico de uma cidade europeia, a visualidade de Baldan soa a mesma; novamente nos vemos frente a uma espécie de futuro latente em busca de um presente por chegar. O nome disso pode ser urbanização, ou uma busca do lugar para o encontro, para a proximidade. Algum calor digno da expressão “viver junto”.

A persistência na “questão” do vazio retorna como presença. Seu olhar sobre os intervalos de ausências soa atravessado por sentidos, polissêmico, em meio a um mundo sedento por presença e completudes. Seu pír para lugar nenhum é uma imagem paradigmática daquilo que deveria reger a relação com a vida, ou seja, a busca pela surpresa, o inesperado, e não pelo seguro e já conhecido. Um caminho que é puro devir. As luminárias inusitadas iluminam este caminho ao anoitecer, as placas, aparentemente isoladas, nos dão a direção em meio ao nada. A obra de Luiza Baldan se revela, por fim, repleta de uma poesia própria que nos instiga e faz querer caminhar adiante, mesmo que sem bússola.

Poucas companhias são mais fiéis e felizes do que esta.

Luisa Duarte
Junho 2012